
The Itacoatiara Archaeological Site, Ingá, PB, Brazil: main physical characteristics and tourist potential

O Sítio Arqueológico Itacoatiara, Ingá, PB, Brasil: principais características e potencialidades turísticas

Received: 2023-05-03 | Accepted: 2023-06-10 | Published: 2023-06-15

Denymagna Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7220-9334>
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/PPGDR), Brasil
E-mail: dennymagna@hotmail.com

Hermes Alves de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5339-5120>
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/PPGDR), Brasil
E-mail: hermes_almeida@uol.com.br

ABSTRACT

The Itacoatiara Archaeological Site, located in the geographical area of the municipality of Ingá (7°16' S, 35° 36' W and 163 m), in the intermediate region of Campina Grande, PB, is the main monument of indigenous tradition, with engravings and cave inscriptions. Given the importance of this historical heritage, a diagnosis of the main characteristics and potential of archaeological tourism was made, with these determinations being the main objectives. The methodological procedures consisted of applying a semi-structured questionnaire, with questions related to the social profile, evaluation of public management, tourist attractions, among others, in addition to documentary data. The main results indicated that the referred archaeological site is constituted by a group of rocky panels, with mysterious characters. Tourist activities are managed by the Municipal Secretary of Tourism and there is little participation by society. Engraved inscriptions show that it was an unusual place, although it required investment in improving transport infrastructure, signage, accommodation, tourist routes, in order to encourage archaeological and cultural tourism, with rock engravings.

Keywords: archeology; archaeotourism; archaeological sites

[Separadas por ponto e vírgula, começando cada uma em maiúscula, com no mínimo 3 e no máximo 5]

RESUMO

O Sítio Arqueológico Itacoatiara, localizado no recorte geográfico do município de Ingá (7°16' S, 35° 36' W e 163 m), na região intermediária de Campina Grande, PB, é o principal monumento da tradição indígena, com gravuras e inscrições rupestres. Diante da importância deste patrimônio histórico, fez-se um diagnóstico das principais características e potencialidades do turismo arqueológico, sendo essas determinações os objetivos principais. Os procedimentos metodológicos consistiram de aplicação de questionário semi-estruturados, com perguntas relacionadas ao perfil social, avaliação da gestão pública,

atrativos turísticos, dentre outras, além de dados documentais. Os principais resultados indicaram que o referido sítio arqueológico é constituído por um grupo de painéis rochosos, com misteriosos caracteres. As atividades turísticas são gerenciadas pela Secretaria Municipal de Turismo e há pouca participação da sociedade. As inscrições gravadas mostram que ali era um lugar incomum, embora requeira investimento na melhoria da infraestrutura de transporte, sinalização, hospedagem, roteiros turísticos, a fim de incentivar o turismo arqueológico, cultural e a valorização do monumento, com gravura rupestre.

Palavras-chave: arqueologia; arqueoturismo, sítios arqueológicos

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico e social apresenta-se como o grande impulsionador da prática do turismo. No entanto, a necessidade de lazer da sociedade moderna transformou o turismo numa importante “indústria”, ao mobilizar pessoas e recursos em todo o mundo. Neste contexto, a cultura e o patrimônio surgem como elementos importantes na atividade turística, visto que diferenciam as sociedades e os locais, tornando-os atrativos.

O patrimônio está diretamente relacionado com a cultura e o turismo cultural. O patrimônio tem implícito o conceito de cultura, por resultar de tendências, artes e outras características culturais. Por sua vez, a cultura e o patrimônio enquanto recursos do destino exercem uma maior ou menor atração, que pode estar na origem de movimentos humanos que resultam naquilo que se designa por turismo cultural.

Os conceitos primórdios do turismo surgido no início do século passado, compreende os processos econômicos, especialmente, os que se manifestam na chegada, na permanência e na saída de turista a um determinado local (MOESCH, 2002).

O patrimônio arqueológico representa um grande potencial para o turismo, por exercer enorme capacidade de gerar desenvolvimento social e econômico. Essa outra vertente, o turismo arqueológico promove e potencializa o patrimônio arqueológico (MANZATO e REJOWISKI, 2005).

O turismo arqueológico é uma atividade que possibilita o acesso e fruição do patrimônio arqueológico, espaço esse procurado por visitante. Um patrimônio arqueológico é um bem cultural (MENESES, 2007).

O termo empregado nos países anglo-saxônicos para este ramo da Arqueologia voltado ao Planejamento Ambiental é “Cultural Resource Management”, ou seja, Gestão de Recursos Culturais, por ser o que melhor se adéqua à realidade ambiental brasileira, por permitir colocar os bens arqueológicos em pé de igualdade com os recursos naturais (CALDARELLI, 1999).

O turismo é uma atividade que necessita dos testemunhos da cultura material para a formação de roteiros, produtos e atrações, isto é, configura-se de um produto competitivo no mercado de consumo, emerge um vínculo estreito entre patrimônio cultural, turismo e arqueologia (CARVALHO, 2010).

A visitação aos sítios arqueológicos no Brasil já ocorria antes do final do século passado. Não há consenso na bibliografia de referência sobre o período de surgimento, que compreende como turismo. No Brasil, é adotada oficialmente a proposta da Organização Mundial do Turismo (BRASIL, 2010).

Desde a antiguidade, as peregrinações religiosas e os deslocamentos para os jogos olímpicos na Grécia Antiga já eram considerados como turismo. Barreto (2003) considera que essas atividades são características da sociedade industrial, estando associados a um sistema turístico de hospedagem, entretenimento e outros serviços.

Alguns autores restringem o conceito à visitação aos sítios, em vez de turismo arqueológico. Para Manzato (2007), essa visitação o “arqueoturismo” é uma atividade que consiste no deslocamento e na visitação de sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas. Já, Wildmer (2009), o turismo arqueológico refere-se ao deslocamento voluntário e temporário de indivíduos a locais onde se encontram vestígios materiais representativos do processo evolutivo do homem no planeta.

Para Almeida (1979), os sítios arqueológicos são aqueles que têm pinturas e gravuras rupestres. Esses sítios na visão de Santos (2007) configuram-se como monumentos singulares e de valor incontestável, pois retratam fragmentos do cotidiano humano. Gaspar (2006) acrescenta que a arte rupestre consiste em representações gráficas elaboradas em suportes rochosos, presente em diversos ambientes frequentados pelas culturas pré-cabralianas.

Arte rupestre é o tipo de arte mais antigo da história e divide-se em dois tipos: a pintura rupestre (composições feitas com pigmentos) e a gravura rupestre (imagens gravadas em incisões na própria rocha). Os primeiros registros sobre a arte rupestre brasileira remontam ao século XVI, quando os europeus iniciaram o processo de colonização do continente americano (JUSTAMAND et al., 2017).

Conforme relatos de Souza (2012), a arte rupestre é uma forma de comunicação através de convenções e as representações rupestres refletem aspectos simbólicos das sociedades humanas que as produziram e, por isso, representam os mais expressivos comportamentos humanos sobre as relações com o meio natural (CARVALHO, 2012).

Para Almeida (1979), os sítios arqueológicos são aqueles que têm pinturas e gravuras rupestres. Esses sítios na visão de Santos (2007) configuram-se como monumentos singulares e de valor incontestável, pois retratam fragmentos do cotidiano humano. Já, Gaspar (2006) acrescenta que a arte rupestre consiste em representações gráficas elaboradas em suportes rochosos, presente em diversos ambientes frequentados pelas culturas pré-cabralianas

Há indícios que as visitas aos sítios arqueológicos no Brasil já ocorriam antes do final do século XX, haja vista as marcas deixadas pela arte rupestre com datas diversas. Embora o turismo como atividade econômica tivesse expansão significativa em vários países do mundo, somente a partir da segunda metade do século XX, devido o desenvolvimento nas áreas de comunicação e transportes, o que possibilitou uma maior mobilidade humana (VELOSO e CAVALCANTI, 2007).

Relatos de Fernandes (2012) destacam que o Estado da Paraíba tem mais de 500 sítios com arte rupestre, sendo os principais os das Pedras do Touro, do Gato e da Velha Chica, a Gruta do Silêncio, a Pedra do Ingá e o Lajedo de Pai Mateus. No entanto, boa parte do patrimônio arqueológico existente vem sendo depredado por ações antrópicas, incluindo-se alguns vestígios rupestres, até por ignorância ou desconhecimento.

Nesses sítios, os registros rupestres (pinturas e gravuras) são estampados na sua maioria, nas paredes rochosas de cânions (chamados de boqueirões) e em paredes e tetos de abrigos ou cavernas. O principal do monumento dessa tradição de gravuras é a Pedra Lavrada do Ingá, localizada no município de Ingá, na Paraíba, onde foi identificada a subtradição Ingá, a partir da análise de 19 sítios arqueológicos encontrados na região (SANTOS, 2014).

Diante da importância deste patrimônio histórico, fez-se um diagnóstico das atividades de turismo do Sítio Arqueológico Itacoatiara, mas conhecido com Pedra de Ingá, sendo essas determinações os objetivos principais.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado no sítio Arqueológico Itacoatiara, conhecido como “Pedra do Ingá ou “Pedra Lavrada”, localizado no recorte territorial do município de Ingá (7°16’ S, 35° 36’ W e 163 m), na região geográfica intermediária de Campina Grande, PB, e a cinco km da sede do município.

O sítio Itacoatiara foi o primeiro monumento arqueológico tombado, como patrimônio arqueológico nacional e o principal monumento da tradição indígena, com gravuras e inscrições rupestres.

A coleta de dados da pesquisa, consistiu de visitas in loco, mencionando o caráter e conteúdo da pesquisa, com os segmentos do turismo, identificadas os atores que estão diariamente envolvidas no funcionamento do referido Sítio Arqueológico Itacoatiara, bem como as atividades do turismo local de forma geral.

Na etapa seguinte foi apresentando um questionário semi-estruturado, com um elenco de perguntas e respostas dos entrevistados, selecionados de forma casual em um universo de vinte atores sociais, com relação direta com os objetivos deste estudo.

Os critérios técnicos de análises dos dados foram os estabelecidos na estatística descritiva, com determinações de médias, frequência relativa, percentagem e de outras técnicas descritiva necessárias para sumarizar um conjunto de dados.

Os cálculos e as confecções de quadros, tabelas e gráficos foram feitos utilizando-se a planilha eletrônica Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Sítio Itacoatiara é um espaço com uma beleza natural encantadora e, portanto, o seu principal atrativo. No entanto, ainda não dispõe de uma infra estrutura básica necessária para atender as demandas do turismo local. Embora a cidade de Ingá seja detentora natural, dessa atividade, não há planejamento para influenciar essa demanda, por parte do poder público.

A pouca mobilidade do fluxo turístico da referida cidade, ocorre, geralmente, com destino à Pedra de Ingá, especialmente, nos finais de semana e nos feriados. Na maioria das vezes, mesmo passando pelo centro da cidade, os turistas não conhecem outros atrativos locais, uma vez que seu destino principal é a visita ao referido Sítio.

Os bens culturais e naturais como atrativos ou como recursos turísticos são práticas comuns em locais com esses patrimônios. A escolha de bens culturais para a construção da atratividade turística, de uma região, de uma cidade e/ou de recorte territorial é um processo que envolve diferentes atores e setores da atividade de turismo, que depende de políticas públicas.

Concorda-se com a concepção de Boullón (2002), as matérias primas do turismo são os atrativos turísticos, embora quando se trata de atrativos naturais. No caso do recorte geográfico de Ingá, a vitrine é o Sítio Arqueológico Itacoatiara.

O rico patrimônio histórico cultural da cidade de Ingá, desde o início do século XX, teve como marco o cultivo do algodão, que atendia até o mercado internacional. Mesmo assim, o termo Itacoatiara, predominou como mostra a escultura na entrada da cidade (Figura 1).

Figura 1. Vista fotográfica da escultura na entrada da cidade de Ingá, PB.



Fonte: arquivo dos autores

O termo Itacoatiara é originário da língua Tupi-Guarani e significa escrita ou desenho na pedra. No Brasil é usado como sinônimo da expressão gravura rupestre.

O afloramento rochoso (Figura 2), com as gravuras, margeia o Rio Bacamarte, e localiza-se numa propriedade privada, denominada Fazenda Pedra Lavrada, no recorte territorial de Ingá, PB. Esse afloramento é irregular e representa um conjunto de rochedos lapidados pela correnteza das águas, conferindo beleza singular ao local.

Figura 2. Vista aérea do monumento arqueológico da Pedra de Ingá, Ingá, PB.



Fonte- arquivo dos autores

O Rio Bacamarte que margeia o referido afloramento rochoso, outrora servia, obviamente, de fonte de lazer para a população e turistas, tais como: banhos, pescarias e piqueniques.

O sítio de arte rupestre das Itacoatiaras do Rio Ingá (Figura 2) é protegido como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde maio de 1944, cujas inscrições constam nos Livros de Tombo das Belas Artes e no de Tombo Histórico.

A maioria das inscrições (Figura 2) forma um fabuloso painel com dezenas de gravuras rupestres, produzidas, provavelmente, por naco de pedra para registrar algum tipo de acontecimento marcante do homem pré-histórico que ali viveu. As centenas de gravuras, com inscrições rupestres em baixo relevo, são registradas em três painéis principais e outros, algumas riscadas e/ou gravadas, de forma profunda e polidas.

As inscrições no afloramento rochoso são descritas na superfície ígnea da parede da rocha, cujo bloco é formado, principalmente, por rocha granítica, com 24 m de comprimento e 4 metros de altura, como foi descrito por Santos (2014).

As gravuras descritas no Painel Principal têm recebidos mais destaque e atenção por parte de estudiosos, do que as que se encontram nos painéis secundários. Nesses, as inscrições são entalhadas em pequenos painéis no piso do lajedo, em pedras soltas ou no leito do riacho.

O próprio afloramento magmático forma um obstáculo ao fluxo de água no riacho, na época de chuva. Como pode ser observado na Figura 2, esse fluxo, a depender do volume de escoamento, chega a transbordá-lo. Já, na época seca, o pequeno filete de água é esgotado despejado “in natura”. Para evitar a degradação desse patrimônio foi necessário colocar um cordão de isolamento (Figura 3).

Figura 3. Vista do monumento arqueológico "Itacoatiara", Ingá, PB, com cordão de isolamento



Fonte: Direta (2014)

A condição do afloramento rochoso da Pedra do Ingá, por situar-se às margens de um rio e as Itacoatiaras terem tipologia de gravuras, assemelha-se às de oeste encontradas por Guidon (2007), no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, caracterizadas por grafismos puros e formas de biomorfos, de difícil identificação e reconhecimento.

Embora chamasse muita atenção dos moradores por se tratar de algo diferente, excepcional. Graças a essa excepcionalidade, esse afloramento foi alvo de “estórias” e mitos, em que a comunidade acreditava ser algo especial, mesmo sem conhecer os seus significado e valor histórico e cultural.

Mesmo no cotidiano dos moradores, como, também, no imaginário dos turistas, há diversas interpretações e curiosidades. Parece que a complexidade faz “alimentar” o mistério ali existente e “criar” diferentes teorias e mitos sobre a massa rochosa e a origem das gravuras.

Com relação às autorias das inscrições, há várias versões. As de Ludwig Schwennhagen defendem a teoria de que os fenícios sejam os autores, como consta no livro Fenício no Brasil: antiga história do Brasil de 1.100 a.C a 1.500 d.C. No entanto, há outra versão defendida por Brito (2007) que seja os extraterrestres ou um calendário lunar, visto que os pontos sinalizam a constelação de Órion.

Além de mitos populares que atribuem a tesouros escondidos no interior da pedra que nunca foram encontrados, mas para a arqueologia são vestígios da ocupação humana. A diversidade dos sítios arqueológicos e, sobretudo, a riqueza das pinturas e gravuras, no caso dos sítios de arte rupestre, tem como fonte a mais de informações sobre a vida das primeiras ocupações humanas na América, ou seja, vestígios de práticas cotidianas milenares.

A arte rupestre é a denominação dada às representações artísticas pré-históricas, tanto na forma de pintura quanto gravura, cujos primeiros registros no Brasil datam do século XVI, o que concorda-se com Carvalho (2012).

Embora não se tenha a tradução, sabe-se que se trata de um campo simbólico porque são desenhos que representam ideias e valores daquelas sociedades. Concorde-se com a concepção de Aguiar (2012), os desenhos fazem parte de rituais, que podem ser de iniciação ou culto, ou pode ser registro físico da esfera simbólica e ritualística, uma vez que a arte rupestre é uma clara manifestação popular dos que ocuparam uma determinada região há milênios.

Nos sítios de registros rupestres, as marcas deixadas sobre pedras, paredões, grutas, abrigos e outros têm elevado potencial histórico e cultural, como é o caso do Sítio Itacoatiara com atrativo turístico local e regional.

Valorizar o patrimônio das sinalizações rupestres é concordar com os resultados de Cezar (2013), serve para mostrar que ali não era um lugar comum, mas um lugar com informações preciosas de grupos que viveram e se desenvolveram ali. Alguns desses registros são apresentados no museu rudimentar de história natural (Figura 4), aqui apresentado como o antigo museu rudimentar de história natural, com réplicas e fósseis de animais pré-históricos.

Figura 4. Vista do antigo museu de história natural. Sítio Itacoatiara, Ingá, PB



Fonte: Direta (2014)

No interior da área do Sítio Arqueológico Itacoatiara foi construído um prédio, na década de 1980, pelo Governo Do Estado da Paraíba, em parceria com a PBtur. Esse prédio abriga, atualmente, uma lanchonete para atender ao público e uma pequena loja, onde se comercializa parte do artesanato local, e o Museu Natural (Figura 5), com uma coleção de fósseis encontrados de forma “acidental” por moradores do município, além de tela com figuras de animais pré-históricos (Figura 6).

A existência desse patrimônio, ainda que represente um estágio da história da humanidade, foi colocado a um nível menos prioritário na agenda de desenvolvimento no município. Somente no ano de 1978, foi criado o brasão, a bandeira e o hino da cidade fazendo referência à Itacoatiara (RIBEIRO, 2018).

Figura 5. Vista do Museu Natural do Sítio Sítio Itacoatiara, Ingá, PB.



Fonte: Fotos do arquivo pessoal dos autores

Figura 6. Tela com fotos de animais pré-históricos. Museu do Sítio Sítio Itacoatiara, Ingá, PB.



Fonte: Fotos do arquivo pessoal dos autores

Dentre as inscrições rupestres brasileiras conhecidas, as do Sítio Arqueológico Itacoatiara são as inscrições mais interessantes e de maior tamanho, o que lhe confere as mais variadas interpretações ao longo dos tempos. A começar pela pluralidade de nomes dados a esse patrimônio.

A pluralidade de nomes Itacoatiaras, Pedra do Ingá, Pedra Lavrada ou Sítio Arqueológico Itacoatiara são nomes usados naturalmente, a depender do público que os citam. Em virtude disto, concorda-se com Almeida (1979) “essa pluralidade não dificulta encontrar o local, utilizando-se qualquer um desses nomes”.

O turismo é uma das formas com que as pessoas optam para praticar o lazer e conhecer novos lugares e atrativos, tendo como alvo à identidade cultural. Nesse contexto, o artesanato é

reconhecido, mundialmente, de diferentes formas, se associa a cultura local e se manifesta em lembranças e registros que passam a “identidade” do lugar visitado.

A Figura 7 exemplifica algumas das lembranças vendidas nas lojinhas de artesanatos no Sítio Arqueológico Itacoatiara, Ingá, PB.

Figura 7. Exemplos vendidos nas lojinhas de artesanatos no Sítio Itacoatiara, Ingá, PB.



Fonte: Fotos do arquivo pessoal dos autores

O artesanato é uma atividade que representa as suas dimensões histórica, econômica, social, cultural e ambiental, possuindo assim, elevado potencial de ocupação e geração de emprego e renda, aliado a riqueza cultural e a vinculação com o setor de turismo.

O estímulo ao artesanato e ao turismo configura-se, portanto, como alternativa recorrente em projetos relacionados ao desenvolvimento local, na medida em que possibilitam não apenas a inserção como a reinserção de áreas estagnadas “como também podem viabilizar o resgate da cidadania e da auto-estima dos chamados excluídos” (OLIVEIRA, 2007).

O artesanato possui ainda, um forte impacto na construção de uma identidade local, e que como vem expressar a arte e suas diversas formas, contribui para caracterizar uma identidade cultural local.

Ao analisar cultura e identidade, concorda-se com Cuche (1999), quando afirmou que as grandes interrogações sobre a identidade remetem frequentemente à questão cultural, além de defender que todo grupo é dotado de uma identidade, correspondente à sua definição social.

A produção artesanal acompanha o homem em sua história, sendo mais bem estruturada como segmento de trabalho na Idade Média, quando a produção concentrava-se nas mãos dos artesãos que posteriormente se uniram para suprir necessidades latentes do mercado de trabalho e consumo, configurando numa forma de trabalho cooperado.

Pereira (1979) fez a distinção entre o artesanato e a arte popular, ao relatar que não visa atender, originariamente, a nenhuma finalidade econômica ou a uma satisfação de uma

necessidade social, mas satisfaz aos impulsos de uma manifestação estética. O artesanato e arte-popular identificam-se pela fonte de produção, ou seja, o povo e sua tradição e distingue-se nos seus fins.

Na visão e concordando com D'Avila (1983), o artesanato estar relacionado diretamente à questão do emprego, como solução de curto prazo para os países em desenvolvimento. O estímulo à produção artesanal requer baixos investimentos, dando chances a uma imensa parcela da população à participação econômica efetiva.

A importância do processo de produção artesanal reside no resgate de valores humanos, na habilidade pessoal, na subjetividade, na criatividade e na autonomia. O alto valor agregado do produto artesanal e sua condição para penetrar em países onde os produtos manufaturados têm o melhor mercado.

Concorda, também, com Canclini (1983) “o turista tem necessidade de adquirir uma “prova” de a sua viagem ir a lugares exóticos e/ou diferente do seu ambiente cultural, o que promove o desenvolvimento da cultura popular, justificando-se a inserção do artesanato na atividade de turismo, ampliando assim uma rede de produtos e serviços.

A arte do labirinto no município de Ingá desenvolveu-se em uma comunidade denominada de Chã das Pereiras, nas margens da BR 230. Essa a atividade tem origem na Espanha e teria chegado ao local através de esposas de estrangeiros que por ali passaram. Essa arte vem passando de geração para geração e, atualmente, conta com mais de 30 artesãs.

A arte do labirinto tem contribuído para a valorização identitária da comunidade local além de ter se tornado a segunda fonte de renda local. Trata-se de uma atividade existente a cerca de 5 décadas que vem passando de geração a geração e tem figurado como importante estratégia de emprego e renda no local. O produto vem se tornando um nicho de mercado no segmento da moda.

Há mais de duas décadas foi criada a associação das artesãs rurais do Distrito de Chã das Pereiras. Espaço utilizado pelas artesãs como ambiente de confecção da renda de labirinto e também de fortalecimento e manutenção do apoio mútuo e ampliação dos saberes, da cooperação produtiva fortalecendo a democracia e a solidariedade.

Importante ressaltar que todas as artesãs são do sexo feminino. Os dados parecem confirmar os resultados quanto ao quadro geral da população brasileira, visto que de acordo com dados divulgados pelo Programa de Artesanato Brasileiro, em 2009, entre os 8,5 milhões de brasileiros dedicados ao artesanato, 87% são de mulheres.

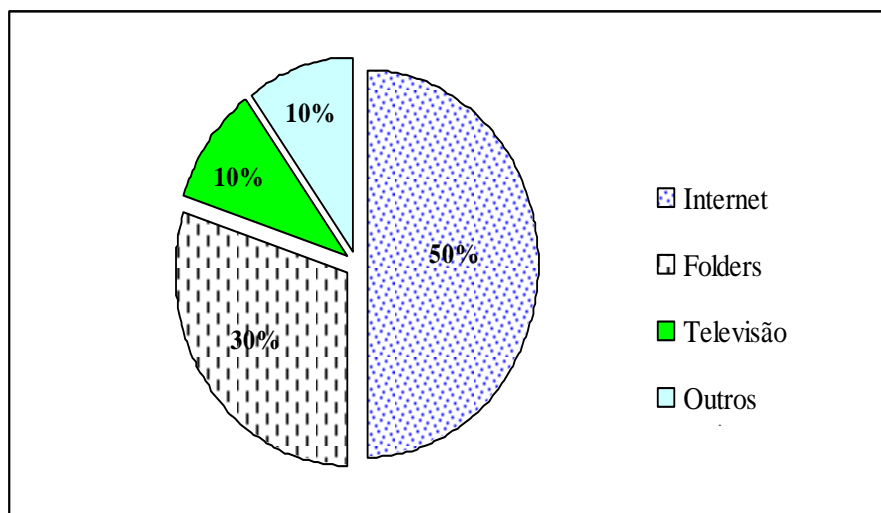
O perfil do artesão de Ingá, PB, concorda com os do Banco do Nordeste (2002), ao constatar que o perfil do artesão nordestino é, majoritariamente, do sexo feminino. Rendas e bordados, tecelagem e tecidos são executados, em sua maioria, por mulheres, enquanto trabalhos em couro e metal, madeira e cerâmica por homens.

O artesanato está na categoria dos saberes locais, sendo essa arte compreendida como uma expressão genuína de uma cultura que pode ser a marca de uma cultura local. Por se tratar de uma atividade predominantemente manual que exige criatividade e habilidade pessoal, o resultado do fazer do artesão pode ser o testemunho vivo de uma determinada cultura.

A divulgação do patrimônio arqueológico faz com que a prática turística seja conhecida pela sociedade. Nesse contexto, o turismo arqueológico no Itacoatiara passa a ser uma atividade com potencial de contribuir para divulgar o conhecimento científico ao público.

A Figura 8 exemplifica alguns dos meios de divulgação sobre o município de Ingá e, conseqüentemente, do Sítio Arqueológico Itacoatiara.

Figura 8. Frequência relativa dos meios de divulgação turísticos na cidade de Ingá, PB.



Fonte: dados e elaboração do gráfico pelos autores

Verifica-se que a predominância da Internet, com 50,0% das respostas, quando se compare com outros meios eletrônicos, na divulgação do turismo e das suas atividades. Nota-se, entretanto, que a divulgação por meio de folders ainda tem um grande espaço no processo de divulgação, visto por 30,0 % dos entrevistados. Como a maioria dos turistas vem de fora, justifica-se a menor contribuição (10,0 %) no processo de divulgação ou, até mesmo, através de outros meios, dentre esses, pode ser o de forma oral.

Os percentuais da internet mostram que as redes sociais sejam o ambiente virtual mais atrativo do município de Ingá, sobretudo, o do Sítio arqueológico Itacoatiara. Essa mídia demonstra grande potencial como estratégias de ampliação do marketing turístico local, porém, não dispensa o marketing tradicional.

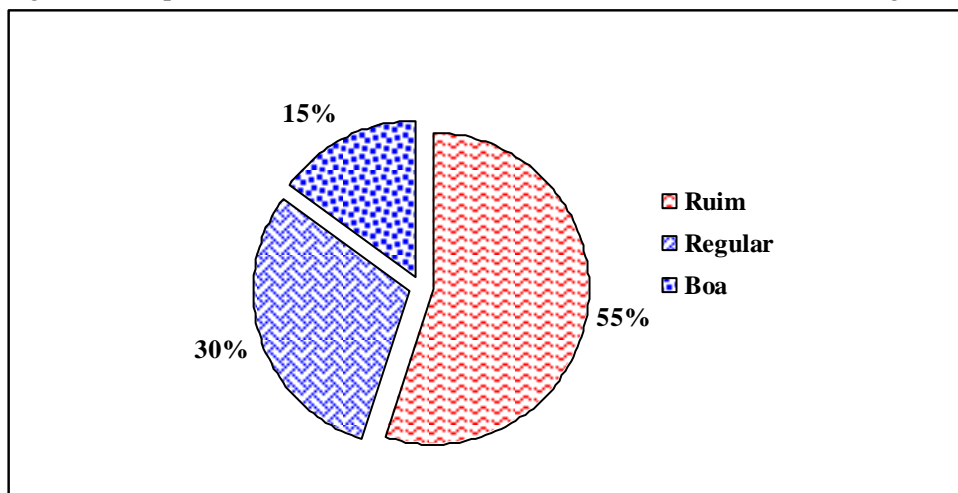
Resultados esses que concordam com os da OMT (2003), que ressalta a importância do marketing eletrônico não somente como forma eficiente de reduzir custos e atingir os mercados alvos, mas, também, como forma de criar vínculos com outras organizações de interesses comuns para elaborar parcerias no planejamento de trabalho conjunto.

É importante ressaltar que, nessa divulgação através da mídia digital, o único atrativo divulgado é o Sítio Arqueológico Itacoatiara, feita basicamente através de blogs. Nota-se que é visível o alcance das mídias digitais, além de representar um custo menor. Concorde-se com o SEBRAE (2008), que a escolha da forma de comunicação dependerá do público alvo.

Ressalta-se, ainda, a fragilidade das informações turísticas do município, com publicidade apenas para o Sítio Arqueológico Itacoatiara, sem destacar outros atrativos e eventos. O artesanato que é divulgado pelo SEBRAE, nas feiras e eventos, como por exemplo, no Salão de Artesanato da Paraíba, em Campina Grande, durante o maior São João do mundo.

Para averiguar se essa fragilidade se devia a infraestrutura da cidade, a Figura 9, sintetiza em três respostas: bom, regular e ruim.

Figura 9. Frequência relativa sobre a Infraestrutura turística da cidade de Ingá, PB.



Fonte: dados e elaboração do gráfico pelos autores

Os elevados quantitativos nas respostas de ruins e regulares (85,0 %) demonstram, por si só, um gargalo na infraestrutura do turismo na cidade de Ingá. Não houve se quer resposta excelente e a opção de boa foi respondida por 15,0 % dos entrevistados.

Esses resultados ficaram muito aquém do recomendado pelo Ministério do Turismo, que concebe a infraestrutura como condição básica, com poder inclusive, de limitar a demanda de turistas nos destinos. Uma vez que, a infraestrutura é parte essencial na composição e sustentabilidade da atividade do turismo, sendo muito mais que um componente a serviço do turista, mas, sobretudo, um serviço para usufruto da população local.

Neste contexto, os resultados encontrados foram contrários, também, aos de Ruschmann (1997), que além da infraestrutura turística, a infraestrutura geral das destinações constitui a base do seu funcionamento adequado para atender às necessidades básicas tanto dos turistas quanto da população receptora

CONCLUSÕES

O Sítio Arqueológico Itacoatiara, conhecido, também, como a Pedra de Ingá, é o principal monumento com gravura rupestre, que aborda a história, a natureza e os costumes atribuídos aos primitivos habitantes do local. As inscrições gravadas mostram a existência informações preciosas de grupos que ali viveram.

O Sítio Itacoatiara foi o primeiro monumento arqueológico tombado, como patrimônio arqueológico nacional, em 1941, passando a ser de domínio da União, mesmo numa propriedade particular.

Embora a cidade de Ingá, PB, seja detentora de belezas natural e histórica, necessita do apoio da gestão pública, para incentivar a atividade turística, haja vista o pouco fluxo turístico é para visitar a Pedra de Ingá, especialmente, nos finais de semana e feriados.

Há necessidade de políticas públicas de melhorias na infraestrutura turística local, que alavanque o turismo arqueológico ou cultural, mesmo sendo o Sítio Arqueológico Itacoatiara o principal atrativo turístico local e regional.

Dentre os atrativos turísticos destacam-se o artesanato, por refletir o saber local, com forte impacto na construção de uma identidade e com dimensões histórica, econômica e cultural, além de configurar-se como alternativa para o desenvolvimento sustentável local.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. T. A arte rupestre nos cariris velhos. João Pessoa: Universitária/UFPB, 129 p, 1979.
- BOULLÓN, R. C. Planejamento do Espaço Turístico. Bauru, SP: EDUSC, 2002, 38p.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Ecoturismo: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. In: 2. ed Brasília: Ministério do Turismo, 90 p, 2010.
- BRITO, V. As inscrições da Pedra do Ingá. Revista do UNIPÊ, série: Ciências Humanas e Sociais. Ano XI, n. 1. João Pessoa: 2007, 91p.
- CALDARELLI, S. B. Levantamento arqueológico em planejamento ambiental, Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 3: 347-369, 1999.
- CARVALHO, H. D. S. Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. Dissertação de doutoramento em História, especialidade Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal: FLUC, 2012, 479 p.
- CARVALHO, K. D. Turismo Cultural e Arqueologia nos espaços urbanos: caminhos para a preservação do patrimônio cultural. Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 3, n.1, p. 51-67, 2010.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. EDUSC, Bauru, p.17-68, 1999.

D'AVILA, J. S. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In RIBEIRO, B. (Org.). O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. FUNARTE. Rio de Janeiro, 1984, 258p.

FERNANDES, A. A arte rupestre na Paraíba: Um estudo sobre o sítio arqueológico da localidade Algodões, no município de Condado. Revista Brasileira de Filosofia e História, Pombal-PB, v. 1, n. 1, p. 6-10, 2012

GASPAR, M. A arte rupestre no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª edição, 16p, 2006.

GOMES, C. C. Turismo comunitário: um caminhar para o desenvolvimento local. Geoiingá, v. 9, n. 1, p. 25-48, 2017.

GUIDON, N. Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. Rev. Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 33, p.75-93, 2007.

JUSTAMAND, M.; MARTINELLIM, S. A.; OLIVEIRA, G. F.; BRITO E SILVA, S. D. A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas. Rev. Arqueologia Pública, v.11, n.1 p.130-172, 2017.

MANZATO, F. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. Revista de Turismo e Patrimônio Cultural, vol. 5, nº 1, p. 99-109, 2007.

MANZATO, F.; REJOWISKI, M. Turismo Arqueológico do Estado de São Paulo. Revista Patrimônio (online), v.1, p1-12, 2005.

MENESES, U. T. Premissas para a formulação de políticas públicas em arqueologia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Nº 33. Brasília: IPHAN, 2007.

MOESCH, M. M. A produção do saber turístico. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002, 142 p.

PEREIRA, C. J. C. Artesanato: definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional de desenvolvimento do artesanato. MTB, 153 p. Brasília, 1979.

RIBEIRO, J.B.N. A geoconservação e os aspectos do geoturismo do sítio arqueológico do Ingá-PB: um estudo das pedras Itacoatiara. UEPB. Campina Grande, 2018.

RUSCHMANN, D. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente, 16 ed. Campinas: Papirus., 192 p. 2010

SANTOS, C. D. SOUZA, L. F. A importância da qualificação para o turismo receptivo. VIII Fórum Internacional de Turismo do Iguassu 04 a 06 de junho de 2014. Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil.

SANTOS, J. S. Estudos da tradição Itacoatiara na Paraíba: subtradição Ingá? Campina Grande, Paraíba. Cópias & Papéis, 2014. 165 pp.

SOUZA, C. G. S. O Turismo Arqueológico na Preservação do Patrimônio Cultural: um estudo de caso dos sítios rupestres de Serranópolis-GO. In: Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2012, 129 p.

VELOSO, T. P. G.; CAVALCANTI, J. E. A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: n°. 20, p. 155-168, 2007.

WIDMER, M. G. Turismo Arqueológico. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. (Org.). Segmentação do Mercado Turístico: estudos, pesquisa e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 584p, 2009.